

JUSTIFICATIVA

O projeto Mapeamento dos terreiros de candomblé do estado do Rio de Janeiro/ Iphan/RJ, primeira etapa, desenvolvido em 2006, deu-se a partir da necessidade de instrução de dois pedidos de Tombamento de terreiros do Rio de Janeiro, tais como: Ilê Asé Baru Lepê, nação efon, cujo fundador foi pai Valdomiro de Xangô; e o Ilê Asé Yá Nassó Oká Ilê Osun, nação ketu, fundado por Yá Nitinha de Oxum, do asé do Engenho Velho.

Em reunião com a equipe, foram discutidos vários critérios de seleção dos terreiros que deveriam ser inventariados que apontavam para o tempo de fundação do terreiro (acima de 15 anos de fundação); a possível preservação da tradição e de seus ritos e sua intenção em perpetuá-las; as variadas representações de nações e ases de matrizes africanas; os municípios do estado do Rio de Janeiro com maior número de terreiros; os terreiros mais antigos e que correm o risco de fechar ou que possuem dificuldades em preservar seus patrimônios.

Logo, compreendemos a dificuldade em relacionar os terreiros a partir desses critérios porque no estado do Rio de Janeiro, em alguns municípios possui mais de mil terreiros de candomblé abertos em funcionamento. Os mais antigos e considerados mais tradicionais recebem a aprovação da comunidade dos terreiros cujos babalorixás e yalorixás são reverenciados por todos. Alguns terreiros são respeitados por serem herdeiros de asés plantados por seus ancestrais e por zelarem por sua continuidade. Outros terreiros considerados mais novos (de 20 a 30 anos de fundação) também oferecem um grau de importância na comunidade por fazerem parte de uma ramificação de um determinado asé, ou seja quando o zelador(a) no santo foi iniciado e cumpriu todos os preceitos originários de uma casa cuja nação e tradição são preservados.

Após o levantamento preliminar, optamos por iniciar a pesquisa com os dois terreiros já citados e a partir daí solicitar aos zeladores(as) no santo a indicação de outros terreiros cujos asés e nações representados por eles tivessem sua notoriedade, respeito e aprovação. Buscamos a orientação de pesquisadores de cultos afro-brasileiros, iniciados no candomblé, escritores e até de um Babalawô nigeriano em estada no Brasil cujas entrevistas foram

anexadas ao trabalho. Desta forma fomos construindo uma rede de informações sobre os demais terreiros cujos babalorixás e yalorixás são reconhecidamente em toda comunidade representantes do candomblé no estado do Rio de Janeiro.

Através desta rede de informações podemos definir os mais representativos de cada nação e asé fundados a partir das matrizes africanas no Brasil. Conseguimos inventariar 32 terreiros representativos das nações: Ketu (ases do Engenho Velho, Opó Afonjá, Gantois, Alaketu), Jeje (Mahin e Savalu), Ijexá, Angola (Bate Folha e Tumba Junsara), Efon e um de culto de Babaegun(tabela em anexo). Dois deles estão completando 100 anos de fundação em contínua atividade. Três zeladores faleceram após as entrevistas e elaboração do inventário.

Após a realização do Fórum de terreiros de candomblé do Rio de Janeiro, organizado pelo Iphan com apoio do Seppir, em 05 e 06 de abril, - interrompido por uma grande tempestade no segundo dia, portanto foi reorganizado nos dias 08 e 09 de julho, participamos de uma reunião com a equipe do DPI/IPHAN-DF e equipe do IPHAN-RJ, quando tivemos a oportunidade de apresentar uma proposta para dar continuidade ao inventário de mais alguns terreiros que possuem grande representatividade das nações e asés fundados no estado do Rio de Janeiro. Que merecem ser pesquisados por apresentarem características diversas aos que já foram inventariados, por fazerem parte de ases e lugares de memória, tais como :Asé Pantanal (Cristóvão de Ogunjá), Casa de Mina (representativo do Maranhão), Asé Bamboxé (da linhagem de Yá Regina de Bamboxé) , Asé da Gomeia (fundado pelo famoso babalorixá Joãozinho da Gomeia) e Asé Oxumaré. Como também, sugerimos a inclusão do inventário da Pedra do Sal, centro do Rio de Janeiro, considerada como “Pequena África”, como lugar de memória, por representar o local escolhido para a formação dos primeiros terreiros de candomblé na cidade e recomendamos para uma ação futura, a realização do inventário dos memoriais criados dentro de alguns terreiros já inventariados, como forma de preservação da memória de seus ancestrais e de sua história, e recolher o testemunho de pessoas que possuem grande significado como “atores” da história e memória dos terreiros de candomblé no Rio de Janeiro.

Consideramos que a proposta de continuidade do inventário de mais alguns terreiros coaduna com a política de salvaguarda de patrimônio imaterial do IPHAN/DPI que irá complementar o material já levantado, visando a construção de uma melhor instrumentação para futuras propostas de Tombamento e Registro.

Rio de Janeiro, 05 de agosto de 2010

Márcia F. Netto

Coordenadora do projeto Mapeamento dos terreiros de candomblé do Estado do Rio de Janeiro/IPHAN/RJ